

ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES CORRELATAS PROPORCIONAIS SOB O VIÉS DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes

Orientador: Ivo da Costa do Rosário

Doutoranda

Teses e dissertações recentes

Resumo: Este estudo é resultado da análise elaborada na dissertação de Mestrado defendida em 2017 e tem como propósito examinar os usos das construções correlatas proporcionais com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Esta corrente teórica analisa a língua em pleno uso e visa a uma abordagem holística, em que nenhum nível linguístico é proeminente em relação aos demais. Toma-se o conceito de *construção* no sentido estabelecido por Traugott e Trousdale (2013), ou seja, como uma unidade básica da língua, composta por um pareamento de forma e sentido. As construções proporcionais são analisadas em seus dois padrões instanciados: o primeiro é constituído pelas expressões conectoras *à medida que* e *à proporção que*, e o segundo é instituído pelos correlatores *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*. Os dados são extraídos do *Corpus do Português*. Defende-se que as construções em ambos os padrões constituem estruturas correlatas em língua portuguesa. Contudo, em razão do comportamento sintático distinto, os chamados Padrão I e Padrão II recebem tratamentos particulares. No primeiro, lança-se mão do critério da telicidade para firmar a conexão sintática entre prótase e apódose. No segundo, evidencia-se a alta produtividade do padrão. Com isso, objetiva-se estabelecer, a partir da visão funcional da língua, a hierarquia construcional das correlatas proporcionais, baseada em diferentes níveis de abstração.

Palavras-chave: Correlação; Construção; Proporção.

Introdução

O presente estudo é resultado da dissertação intitulada “Construções correlatas proporcionais sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso”, defendida em 2017, sob a orientação do Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. A análise tem como objeto a investigação sobre as construções correlatas proporcionais, conhecidas pela tradição gramatical como orações subordinadas adverbiais proporcionais. É propósito deste exame científico prover contribuições para o estudo das construções que transmitem valor proporcional, em uma perspectiva de uso real da língua.

Pauta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que se dedica ao estudo dos diversos níveis linguísticos, visando a uma perspectiva holística dos fenômenos linguísticos. Seguindo os aportes dessa corrente teórica, baseia-se a análise em dados reais de fala e escrita, extraídos do *site Corpus do Português*, com vistas a mapear os usos efetivos da língua. Nesse sentido, são identificados dois padrões de construções proporcionais: o Padrão I, instanciado pelas expressões conectoras *à medida que* e *à proporção que*; e o Padrão II, instanciado pelos correlatores *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*.

A hipótese central que norteia a pesquisa é a de que as construções proporcionais, em suas distintas manifestações, fazem parte do rol das construções correlatas, que se distinguem dos tradicionais processos de subordinação e coordenação. A partir dessa hipótese, emergem hipóteses específicas voltadas para os diferentes padrões de construções correlatas. A primeira delas diz respeito à correspondência no nível da telicidade entre os verbos que fazem parte das construções do Padrão I com vistas a identificar a interdependência sintática dessas construções. Já a segunda aponta que as construções proporcionais do Padrão II, apesar de precariamente abordadas em estudos tradicionais, que privilegiam a menção ao Padrão I, compõem um uso produtivo para estabelecer a noção de proporção na língua.

Propõe-se a demonstrar que as construções correlatas proporcionais apresentam características sintáticas e semântico-pragmáticas que as afastam da tradicional categorização de subordinadas adverbiais proporcionais. Pretende-se, a partir do estudo das ocorrências que integram os dois padrões das construções proporcionais, colaborar

para a análise e descrição dos fenômenos sintáticos da língua, bem como contribuir para os estudos na área da correlação. Assim, espera-se que esta investigação sobre as construções correlatas proporcionais possa se somar aos estudos já realizados no diverso grupo das construções correlatas.

Pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso representa a interface de pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional de vertente norte-americana, também conhecida como Funcionalismo clássico, com a Linguística Cognitiva.

Essas correntes linguísticas compartilham pressupostos, que permitem a integração entre as duas correntes teóricas, gerando a denominação LFCU. Dentre eles, os principais são apontados por Cunha (2012, p. 29):

Rejeição à autonomia da sintaxe e incorporação da semântica e da pragmática às análises; não distinção estrita entre léxico e sintaxe; relação estreita entre estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação; entendimento de que os dados para análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural.

A partir dessa fusão, a LFCU visa a uma abordagem holística nas análises, incorporando semântica e pragmática, bem como rejeitando a autonomia de qualquer nível linguístico. Nessa visão, também é valorizada a pesquisa baseada em dados reais de fala e escrita, visto que se concebe que a língua está submetida às pressões comunicativas do meio no qual se insere, o que é refletido diretamente em sua estrutura. Assim, como apontado por Oliveira e Rosário (2016, p. 2):

(...) é possível postular que a estrutura da língua é forjada na experiência, tanto histórica quanto cotidiana, e que deriva de processos cognitivos de domínio geral. Assim, a visão de língua adotada não mais está centrada nos *tokens* empiricamente comprovados, ou seja, no material linguístico em si, mas em instâncias de maior abstração.

Não somente os *tokens*, ou seja, as ocorrências reais de fala ou escrita são objeto de investigação, mas também os níveis mais abstratos que instanciam esses usos. Tal iniciativa demonstra o propósito em estabelecer análises de cunho holístico se comparadas às análises da versão clássica do Funcionalismo, em que a abordagem era voltada apenas para os itens e para a sua gramaticalização.

A LFCU considera a gramática como uma representação da experiência dos indivíduos com a língua, admitindo que há padrões regulares de uso e formas emergentes ao mesmo tempo. A estrutura da língua emerge à medida que é usada, e a gramática está em constante adaptação devido às exigências do discurso. Dessa maneira, as aparentes instabilidades são motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários da língua em seu cotidiano, o que reafirma a relação de vinculação entre discurso e gramática.

Tendo em vista os pressupostos teóricos da LFCU, assume-se que esta pesquisa inclui-se nessa perspectiva, principalmente por analisar dados em pleno uso da língua e também por investigar o contexto em que estão inseridas as construções correlatas proporcionais.

Procedimentos metodológicos

Objetiva-se, na análise de dados, estabelecer uma investigação de caráter qualitativo e quantitativo, tendo em vista que as construções são analisadas levando em consideração as estruturas como um todo e as informações contextuais. Além disso, a frequência de dados é relevante no exame das construções correlatas proporcionais, por isso as quantidades são dispostas em números absolutos e, em determinados casos, em porcentagens.

O banco de dados utilizado para o levantamento de ocorrências é o *Corpus do Português*, disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org/>. Neste estudo, são utilizados os dados do PB no período do século XX, com o propósito de estabelecer uma análise sincrônica da língua a partir de dados reais de fala e escrita. No total, há 485 dados, sendo 330 referentes ao Padrão I e 155, ao Padrão II.

As diferentes configurações de construções proporcionais motivam comportamentos sintáticos particulares em relação a cada padrão, o que leva à formulação de distintas hipóteses para cada grupo. Nesse sentido, são elaborados critérios de análise específicos para a comprovação das respectivas hipóteses relacionadas aos dois padrões de construções proporcionais.

No rol das construções proporcionais, destacam-se dois grupos distintos de elementos conectores de cunho proporcional. São eles: *à medida que/à proporção que* e

os constituídos pelas variações de *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*. Define-se que *à medida que* e *à proporção que* são denominados, neste trabalho, como expressões conectoras, ao passo que *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos* são denominados correlatores, seguindo o termo cunhado por Rosário (2012).

Em termos sintáticos, considera-se que os padrões apresentam comportamentos distintos, por isso a eles são vinculadas diferentes hipóteses, que são comprovadas, por sua vez, a partir de fatores de análise particulares. Em comum, as construções do Padrão I e do Padrão II veiculam o sentido de proporção, o que incide no nível semântico-pragmático, relacionando os conteúdos proposicionais expostos em cada parte da construção, de modo a estabelecer a interdependência.

Na análise das construções que exibem as expressões conectoras que integram o Padrão I (*à medida que* e *à proporção que*), é focalizado o comportamento dos verbos que as instanciam. O critério central que norteia essa investigação acerca dos verbos é a telicidade verbal. Essa noção aspectual, empregada por Moura Neves (2000), leva em conta a demarcação de finitude de uma ação ou evento. Desse modo, um verbo télico faz referência a um evento acabado, e um verbo não télico ou atélico a um evento inacabado, cujo fim não pode ser identificado.

Como aponta Castilho (2010), o que unifica os verbos atélicos é que o estado de coisas que eles descrevem envolve diferentes fases em sua execução. Com isso, independente da nomenclatura empregada, o valor está na finitude das ações expressas pelos verbos. A escolha desse critério semântico tem como objetivo a verificação da natureza dos verbos que são licenciados nas construções proporcionais do Padrão I e a confirmação de que os verbos que constituem prótase e apódose apresentam naturezas semelhantes quanto à telicidade.

No grupo de construções introduzidas por correlatores, denominado Padrão II, a análise volta-se não para a natureza dos verbos, mas para a demonstração da frequência na ocorrência desse tipo de construção. Essa escolha é motivada pelo fato de a correlação sintática estar aparente em razão da presença dos correlatores duplos na prótase e na apódose. Desse modo, a interdependência própria da correlação faz-se evidente nas estruturas do Padrão II.

A opção por estabelecer dois padrões de construções proporcionais é motivada por julgar que a distinta natureza dos elementos conectores repercute no comportamento

sintático das construções. Contudo, em termos semânticos e pragmáticos, considera-se que o sentido proporcional é veiculado em ambas as estruturas, que materializam diferentes formas de expor um conteúdo proporcional. Assim, procede-se com o capítulo de análise dos dados, em que as diretrizes delimitadas no presente capítulo são aplicadas.

Análise de dados

No levantamento de dados empreendido no *Corpus do Português*, foram encontradas 485 ocorrências de construções correlatas proporcionais, sendo 330 delas pertencentes ao Padrão I e 155 ao Padrão II, dispostas da seguinte forma:

Configurações	Frequência
À medida que X, Y	298
À proporção que X, Y	32
Total	330

Tabela 1 - Padrão I

Configurações	Frequência
Quanto [mais] X, [mais] Y	131
Quanto [mais] X, tanto [mais] Y	7
Quanto [mais] X, [menos] Y	7
Quanto [menos] X, [mais] Y	5
Quanto [mais] X, [Ø] Y	3
Quanto [mais] X, tanto [menos] Y	1
Tanto [mais] X, quanto [menos] Y	1
Total	155

Tabela 2 - Padrão II

No Padrão I, o número de ocorrências de *À medida que X, Y* é bastante superior à quantidade de dados de *À proporção que X, Y*. São 298 ocorrências do primeiro tipo no total de 330 dados do Padrão I. Já no Padrão II, o número de ocorrências de *Quanto [mais] X, [mais] Y* é também superior, se comparado aos demais casos. São 131 dados em um

total de 155 do Padrão II. Com isso, *À medida que X, Y* e *Quanto [mais] X, [mais] Y* apresentam-se como os mais produtivos em seus respectivos padrões.

De acordo com a quantificação de dados, as ocorrências que apresentam a expressão conectora *à medida que* são muito mais frequentes do que as que apresentam *à proporção que*. O primeiro grupo representa 90% dos dados, ao passo que o outro, 10%. No Padrão II, ocorre situação semelhante, visto que percentualmente, *Quanto [mais] X, [mais] Y* é mais produtivo em relação aos demais, representando 82% dos casos. As outras instanciações do padrão representam de 6% a 1% do total de dados atestados.

Padrão I

Nesta análise, lança-se mão do fator de análise pautado na telicidade verbal para detectar a interdependência sintática entre os verbos integrantes da prótase e da apódose. Assim, são mapeados os tempos e modos verbais que fazem parte das construções proporcionais levantadas no *corpus*. No total de 330 ocorrências, foram identificadas 30 configurações modo-temporais distintas dos verbos que compõem a prótase e a apódose. Dentre essas combinações de tempos e modos verbais, cinco delas apresentam maior produtividade se comparadas às demais. Baseando-se nos valores percentuais, identifica-se que as construções em que os verbos estão no presente do indicativo representam aproximadamente 37% dos casos, uma vez que são 123 casos em um total de 330; as constituídas por verbos no pretérito imperfeito representam aproximadamente 17%, pois contam com 56 dados no total de 330. A partir disso, pode-se constatar que as formatações verbais com verbos plenos no presente e no pretérito imperfeito, se somadas, representam, 54% dos dados.

Devido à diversidade de configurações verbais, são analisadas neste trabalho apenas as ocorrências que apresentam as configurações mais frequentes no Padrão I, ou seja, as três primeiras. São elas, respectivamente: [Presente do indicativo] + [Presente do indicativo]; [Pretérito imperfeito do indicativo] + [Pretérito imperfeito do indicativo]; [Presente do indicativo] + [Verbo auxiliar no presente do indicativo + gerúndio].

A primeira configuração mais frequente é constituída por verbo no presente do indicativo, na prótase e na apódose. A seguir é exposta uma ocorrência desta natureza:

[Presente do indicativo] + [Presente do indicativo]

-
- (1) Se considerarmos, por exemplo, o número de portadores de carga de um condutor e de um semicondutor, veremos que o número contido em um semicondutor é muito menor, resultando também em uma resistividade maior, e um fato curioso reside no coeficiente de temperatura da resistividade do semicondutor ser grande e negativo, o que faz com que, **[a medida que a temperatura do semicondutor aumenta,] [sua resistividade diminui,]** ao contrário da resistividade de um condutor normal, que obedece à Lei de Ohm. ([19Ac:Br:Enc](#))

Na ocorrência (3), os verbos que compõem prótase e apódose são *aumentar* e *diminuir*. Estes verbos, em seus contextos de uso, encontram-se no presente do indicativo, o que marca uma ação transcorrida no momento da fala ou escrita ou uma ação habitual. Pode-se afirmar, assim, que os verbos no presente são considerados verbos atélicos, uma vez que caracterizam ações cujo fim não pode ser identificado.

As construções que fazem parte do Padrão I, tradicionalmente classificadas como orações subordinadas adverbiais proporcionais, apresentam características peculiares no que tange à sua natureza semântico-pragmática. O que se mostra na análise dessas construções é que os laços entre prótase e apódose são intrínsecos, visto que a proporção se dá entre o que é expresso em ambas as partes, ressaltando-se a interdependência entre elas. Tal relação é mais evidente no polo do sentido, contudo, pode ser verificada também sintaticamente, a partir da relação entre os verbos constituintes da construção, que em (3) além de serem semelhantes, pois ambos estão no presente do indicativo, também apresentam a não telicidade como característica significativa.

A segunda configuração verbal mais produtiva no Padrão I é constituída por verbos no pretérito imperfeito do indicativo tanto na prótase quanto na apódose:

[Pretérito imperfeito do indicativo] + [Pretérito imperfeito do indicativo]

- (2) Stephen e seus homens apertaram o cerco e isso deve ter contribuído para agravar a precária saúde de Key. Ele estava tenso, irritadiço, e não conseguia se concentrar no romance. **[A medida que ele perdia suas forças,] [a tribo entrava em decadência.]** Os guerreiros se diluíam às dezenas, as carroças desapareciam.. e as crianças, sem as mães, ficavam no abandono. Em novembro de 1940, - a situação se tornara insustentável. ([19:Fic:Br:Costa:Sala](#))

Em (4), os verbos são *perder* e *entrar*. Nesses casos, assim como no anterior, há similaridade temporal, mas, desta vez, os verbos encontram-se no pretérito imperfeito do indicativo. Esse tempo expressa um fato que ocorre no passado, mas que não foi completamente terminado, o que converge com a noção de não telicidade. Da mesma forma como ocorre no presente, no pretérito imperfeito não é possível delimitar o fim da ação descrita, caracterizando-se novamente eventos atéllicos.

Em (4), a ação de perder as forças está totalmente relacionada ao fato de a tribo entrar em decadência, visto que uma ação leva a outra. A correspondência entre os verbos ocorre tanto no tempo verbal – pretérito imperfeito do indicativo – quanto na atelicidade. Reitera-se que essa correlação modo-temporal é um fator estrutural importante para a sustentação da hipótese de que essas construções proporcionais podem ser incluídas no processo de correlação, tendo em vista que a interdependência pode ser mais facilmente notada no aspecto semântico.

Como já observou Castilho (1968a), aparentemente, presente, pretérito imperfeito simples e gerúndio favorecem a emergência dos verbos imperfectivos, aqui denominados não tólicos ou atéllicos. Contudo, há casos em que não há a total coincidência entre os tempos verbais, e neles, o que se verifica, é a recorrência do uso de verbos de caráter atólico, ou seja, verbos em tempos como presente, pretérito imperfeito e forma nominal de gerúndio.

Outra configuração verbal produtiva no Padrão I é formada pelo verbo da prótase no presente do indicativo e, na apódose, por verbo auxiliar no presente do indicativo seguido de gerúndio:

[Presente do indicativo] + [Auxiliar no presente do indicativo + Gerúndio]

- (3) O imigrante e Maciel aproveitam os encontros para analisar a justiça brasileira, os brasileiros e seu patriotismo. A avaliação não é das melhores. O juiz impossibilitado de fazer justiça por uma série de circunstâncias observa que a decadência ali existente é um "misto doloroso de selvageria dos povos que despontam para o mundo, e do esgotamento das raças acabadas. Há uma confusão geral". Milkau crê que se pode chegar a algo melhor. Entretanto, [à medida que acompanha o definhar da amiga], [vai se deixando tomar pela tristeza]. Finalmente, numa noite, Milkau tira Maria da prisão e foge com ela, correndo pelos campos em busca de Canaã, "a terra prometida", onde os homens vivem em harmonia. ([19:Fic:Br:Aranha:Canaa](#))

Em (5), os verbos que fazem parte da construção são *acompanhar* e a forma perifrástica *ir* no presente com *deixar-se* no gerúndio. Esta configuração verbal é a primeira dentre as mais produtivas em que os tempos verbais não são espelhados, ou seja, não são semelhantes, como ocorre na combinação [Presente do indicativo] + [Presente do indicativo] e também em [Pretérito imperfeito do indicativo] + [Pretérito imperfeito do indicativo]. Apesar de não serem espelhados, o tempo presente está representado na prótase e na apódose, na primeira parte, em forma verbal plena e, na segunda, como verbo auxiliar.

O presente marca uma ação que se desenrola no tempo atual ou ação habitual, em que o fim da ação não é previsto, somente seu início. O gerúndio, por sua vez, demarca um evento em pleno andamento, algo que ocorre à medida que está sendo descrito. Com isso, também sinaliza uma ação cujo fim não é conhecido. O objetivo dessa forma nominal é expressar um ato em continuidade, logo, pode-se afirmar que é uma forma nominal atética, assim como o presente do indicativo.

O presente e o pretérito imperfeito são tempos que marcam ações cuja conclusão não é definida, ao passo que o gerúndio é uma forma nominal que caracteriza ações em andamento. A alta produtividade de verbos com essas naturezas coincide com a definição de proporção como resultado da soma de duas ações contínuas e altamente integradas, em que o fim não é delimitado. Com isso, justifica-se a presença relevante de verbos atéticos, e em alguns casos, a semelhança modo-temporal entre os verbos da prótase e da apódose. Nesses casos, por haver semelhança total entre os verbos, a interdependência sintática fica mais evidente, no entanto, quando não há coincidência temporal, a semelhança atética demarca a conexão estrutural.

Dessa maneira, a partir da investigação das construções proporcionais do Padrão I, pode-se estabelecer evidências sobre a interdependência sintática, com o intuito de identificar uma ligação entre forma e sentido, o que configura a hipótese que se pretende comprovar nesta análise. O prosseguimento da investigação será pautado no Padrão II, exposto em seguida.

Padrão II

Nesse padrão, a análise dos dados expôs sete manifestações de construções correlatas proporcionais. O total é de 155 ocorrências, sendo 131 de *Quanto [mais] X, [mais] Y*, compondo 82% dos casos. Seguindo a mesma lógica da análise télica estabelecida no Padrão II, serão analisadas em seguida as três elaborações mais frequentes correspondentes ao Padrão II, que juntas somam 94% das ocorrências no total.

Quanto [mais] X, [mais] Y

- (4) Meu teatro é pela saída do buraco, o dark dos anos 80, com essa propaganda toda do tédio e, pior, desses drogados chiques que a indústria da moda prega e eu acho o fim. Acredito no paradoxo de que **[quanto mais** egoísta eu for com minha visão de arte], **[mais** generoso estarei sendo.] Olhem menos pra mim e mais para onde estou apontando. ([19Or:Br:Intrv:ISP](#))

Na construção (6), a prótase é constituída pelo correlator *quanto mais* e pela forma oracional *egoísta eu for com minha visão de arte*, ao passo que a apódose é constituída pelo correlator *mais* e *por generoso estarei sendo*. O sentido construído a partir dessa proporcional evidencia ações em progresso, em que uma parte enseja a outra, tendo em vista que as duas ações estão atreladas. Nessa construção, há a relação de interdependência semântica e sintática entre as partes, uma vez que a ligação de sentido entre as ações descritas e a elaboração produzida pela prótase reclama a presença da apódose. Com isso, ratifica-se a definição de proporção exposta no dicionário eletrônico Houaiss (2010) que aponta a proporção como a “relação das partes de um todo entre si”. Nesse sentido, esse campo semântico, de forma imanente, prevê a relação entre as partes que a compõem, uma vez que a própria natureza proporcional define essa característica.

A segunda forma mais frequente é *Quanto [mais] X, tanto [mais] Y*, por isso, a seguir, é examinado um exemplar dessa natureza.

Quanto [mais] X, tanto [mais] Y

- (5) Em março de 1756, escrevia Voltaire aos irmãos Crame, seus editores: " Não posso deixar de agradecer-vos a honra que me dispensais, imprimindo as minhas obras; mas, nem por isso, sinto menos pesar por havê-las composto. **[Quanto mais** a gente se adianta em idade e conhecimentos], **[tanto mais** se

arrepende de ter escrito.] Nenhuma das minhas obras me satisfaz; algumas eu quisera nunca as ter feito.. " Isto escrevia Voltaire, no apogeu da nomeada. Que direi eu dos meus opúsculos! Sem falsa modéstia - je m' en veux de n' avoir pas dit, d' avoir trop dit, d' avoir mal dit. Por que, nesse caso, continuar a escrever? Francamente, não sei. ([19:Fic:Br:Rio:Momento](#))

Nessa construção, a prótase é formada pelo correlator *quanto mais* e por *a gente se adianta em idade e conhecimentos*, e a apódose por *tanto mais e se arrepende de ter escrito*. Diferente do caso analisado anteriormente, o segundo correlator vem acompanhado do elemento intensificador *tanto*, que reforça a contraparte da prótase, enfatizando a informação da apódose.

Assim como nas demais ocorrências, tanto sintática quanto semanticamente, ambas as partes da construção relacionam-se no sentido de estabelecer a proporção na construção como um todo. O elemento *tanto*, nesta perspectiva, cumpre o papel de enfatizar essa relação diretamente proporcional, já que na mesma medida em que uma ação aumenta, a outra também o faz.

Conforme apontam Mateus *et alii* (2003), a noção de proporção é mais clara quando os conectores são de natureza correlata, como é o caso das construções deste padrão, ao passo que os conectores não correlatos, muitas vezes, são associados ao sentido temporal. Dessa maneira, as autoras demonstram que as construções do Padrão II veiculam de forma mais evidente o sentido proporcional se comparadas às do Padrão I.

A terceira manifestação mais frequente é a formada por *Quanto [mais] X, [menos] Y*. Este é o primeiro par de correlatores inversamente proporcionais, ou seja, que veiculam noções contrárias, instanciadas por *mais* e *menos*.

Quanto [mais] X, [menos]

- (6) Assim como agora entendo que quis conhecê-lo a certa altura para parar de amá-lo, também tentei conhecê-lo, entender a qualquer preço o que ele era, para parar de escrever sobre ele, mas continuava escrevendo para conhecê-lo, o que era uma impossibilidade e um círculo vicioso. Por-que tudo era possível, todas as verdades. O manuscrito ficou inacabado. Era só o esboço de uma coisa que escrevi por não compreender e que [**quanto mais** escrevia] [**menos** compreendia.] Ele me assustava. A certa altura, percebi que quanto mais avançava mais eu me perdia, que terminá-lo era dar um fim a mim mesmo. Tinha

medo de que, se o publicasse, de alguma maneira selaria o meu futuro.
(19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

Esse dado apresenta a relação inversamente proporcional, visto que a prótase, introduzida por *quanto mais*, se combina à apódose, iniciada por *menos*. Esse tipo de estrutura requer um exercício intelectual mais complexo do usuário da língua se comparado aos usos diretamente proporcionais (*quanto mais...mais/quanto menos...menos* etc) em razão da combinação de elementos contrários.

Na perspectiva assumida neste estudo, assume-se que o comportamento linguístico é um reflexo de capacidades cognitivas, e a estrutura da linguagem, por sua vez, é uma manifestação dessas capacidades. Nesse sentido, o fato de vincular dois fatos inversamente proporcionais é resultado da necessidade comunicativa de estabelecer tais sentidos contrários.

Langacker (1991) afirma que a gramática é um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas relacionadas ao uso, de modo que a construção do significado é negociada pelo falante no discurso. Isso se aplica ao surgimento de casos como o analisado anteriormente, uma vez que são criados a partir das necessidades do uso e da possibilidade da língua em alocá-los.

Ressalta-se que uma das hipóteses desta investigação volta-se para atestar a produtividade das construções do Padrão II, a despeito das escassas citações em estudos de cunho tradicional. Com isso, tendo em vista a alta produtividade atestada pelo levantamento e pela análise dos dados, considera-se que as proporcionais instanciadas por *quanto mais/menos...(tanto) mais/menos* configuram usos produtivos na língua, o que não justifica as reduzidas menções em estudos tradicionais, uma vez que essas construções veiculam o sentido proporcional, assim como as do Padrão I.

Nas análises do Padrão I e do II, em que foram explorados dados reais de fala e escrita, busca-se estabelecer uma visão holística da língua, incorporando semântica e pragmática, e rejeitando a autonomia de algum nível linguístico. O presente estudo baseia-se na concepção de que a língua está submetida a pressões comunicativas do meio no qual se insere, o que reflete em sua estrutura linguística. Ao examinar dados do português em uso, identifica-se que a perspectiva adotada converge com o conceito de que a estrutura da língua emerge à medida do seu uso, e de que a gramática está em

constante adaptação. Com isso, instaura-se que a estrutura linguística é derivada de processos cognitivos gerais, que possibilitam os usos concretos da língua.

Considerações finais

Retomando as hipóteses traçadas no início da investigação, considera-se que a análise de dados pode comprovar a vinculação sintática nos exemplares do Padrão I, a partir da correspondência atélica, bem como evidenciar a alta produtividade do Padrão II, a despeito das escassas referências.

Nas construções do Padrão I, identifica-se que os verbos constituintes de prótase e apódose apresentam similaridade atélica. As três configurações mais frequentes nas construções proporcionais desse padrão apresentam seus verbos nos tempos do presente e do pretérito imperfeito, variando como verbo pleno ou auxiliar, ao lado da forma nominal de gerúndio. Tais tempos verbais e forma nominal figuram, aspectualmente, como eventos atélicos, representando ações em progresso, cujo fim não é identificável. Nesse sentido, a noção de ações em desenvolvimento condiz com a própria definição de proporção, que prevê a relação de equilíbrio entre as partes e o todo.

No que tange à segunda hipótese, as construções do Padrão II, apesar de pouco mencionadas em estudos de cunho tradicional, apresentam frequência representativa. Dentre as 330 ocorrências de construções proporcionais, 155 delas configuram casos do Padrão II, em um universo de sete configurações licenciadas. Assim, identifica-se que a precária menção, em abordagens tradicionais, a casos desse padrão deve-se mais pela natureza dos correlatores, que suscitam uma abordagem sobre a correlação como procedimento sintático, ao lado da coordenação e da subordinação, do que pela invalidação dos correlatores nas construções proporcionais, visto que o uso ratifica a recorrência do paradigma. Assim, acredita-se que este estudo contribui para os estudos sobre construções proporcionais, bem como para os estudos sobre a correlação de uma forma geral.

Referências Bibliográficas

BELLO, A. *Compendio de gramática castellana: escrito para el uso de las escuelas primarias*. Paris: Librería de Garnier Hermanos Editores, 1883.

BULL, W. E. *Time, Tense and the Verb: A Study in Theoretical and Applied Linguistics, with Particular Attention to Spanish, by William E. Bull*. University of California Press, 1960.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, M. A. F. et al. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013.

_____. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo funcional). In: SOUZA, M. et al. (orgs.) *Sintaxe em Foco*. Recife: PPGL/UFPE, 2012.

DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes*. Paris: F. Vieweg, 1876.

GAREY, H. B. Verbal aspect in French. *Language*, v. 33, n. 2, p. 91-110, 1957.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P. *Emergent grammar*. Berkley: Berkley Linguistics Society, 1987.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JESPERSEN, O. *The philosophy of grammar*. Londres: George Allen, v. 8, 1924.

LANGACKER, R. W. Complex Sentences. In: *Cognitive Grammar – a basic introduction*. Oxford University Press. 2008.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. II, Descriptive Application*. Stanford, California, Stanford University Press, 1991.

OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. [Funcionalismo e abordagem construcional da gramática](#). *Revista Alfa*. São Paulo, v. 60, n. 2, 233-261, 2016.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. 250 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012.

STEN, H. *Les temps du verbe fini (Indicatif) em français moderne*. Kobenhavn: Det Kongelige Danske Videnskabernes Selkab. 1953.

TRAUGOTT, E.C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.